Revista
# BERRO
Ano 02 - Edição 04
Julho-Agosto/2015

A rua é nóis e o que fazemos dela!

## Cidade para quem? Salve-se quem puder!

*Especulação imobiliária e remoções violentas reaquecem o debate sobre o direito à moradia e à cidade nos grandes centros urbanos*

**Entrevista**

## "Não há limiar para o humor"

*Laerte fala sobre carreira, vida e discute o cenário artístico e político de ontem e hoje*

**Conto de réis**

## Um pouquim de sacanagem

*"Latência", um conto erótico cheio de tesão*

# Aquecendo o gogó!

Óia a gente aqui de novo, berrando no meio da rua! Mal começou o ano novo e já estamos na metade dele; eita tempo pra correr ligeiro! Em maio passado completamos um ano de luta, de militância, de jornalismo, literatura, arte, e – claro! –, de aperreio financeiro com nossas publicações. Viemos atrasados pra reforçar que o lado da rua que escolhemos realmente nos dá um retorno muito plural e comum às tantas organizações e movimentos sociais que têm um olhar crítico à "grande mídia". Estamos aqui pra aglutinar e dar voz às ideias que não estão sendo ouvidas nos meios hegemônicos.

Nesta edição, traremos o debate sobre a situação urbana, sobre como nos enxergamos nas cidades. A especulação imobiliária e o famigerado "progresso" estão convergindo para espaços não compartilhados, ilhas monitoradas de alta segurança, dando prioridade ao transporte automotivo particular – e os espaços de convivência comum são cada vez mais escassos. Então, a gente tenta responder a uma pergunta: como podemos imaginar uma cidade, de fato, democrática? Que respeite a humanidade dos seus viventes?

A entrevistada dessa edição é a cartunista e ativista política Laerte Coutinho. Ela conta um pouco da sua história, opina sobre os limites e os horizontes do humor, além de outros temas. A gente também entra, a convite do professor e amante da beleza simples da vida Ronaldo Salgado, no seu recanto, em uma crônica aconchegante, ao estilo dele. Também vai ter um conto erótico da nossa convidada Joana Bê, a Lusco-fusco com poesia e a Impressões Mundanas com um, digamos assim, berro de liberdade. O quadrinista cearense Jadiel Lima foi convidado a contar a história de mais uma andança do Bode Berro por Fortaleza. Na Lambe-lambe, o fotógrafo Igor Prado compartilha seu olhar sobre o bairro boêmio e pulsante do Benfica, na capital cearense.

No mais, esperamos que essa edição seja uma instiga pra todo mundo parodiar Sergio Sampaio e querer botar o **Berro** na rua! Para muito além dos coxinhas, "cidadãos de bem", que são muitos, a gente veio trazer o nosso tempero para um outro modo de enxergar as cidades, a comunicação, a vida!

*"Eles são muitos mas não podem voar."* (Ednardo)

**Curte a gente, negada!**
**Somos mó limpeza!**

Facebook.com/**RevistaBerroCE**
**revistaberro.com**

# Berreiro


**3. Solta o Berro!**
Bode Berro responde com fuleiragem aos nossos leitores

**5. Entrevista**
Laerte: "*Não há limiar para o humor*"

**9. Crônica**
Ronaldo Salgado: Sementes de coração, gentes sofridas

**10. Reportagem**
Cidade para quem? Salve-se quem puder!

**17. Artigo**
Verônica Guedes: Pelo direito à diversidade

**18. Conto de Réis**
"Latência", de Joana Bê

**19. Impressões Mundanas**
Para além da Matrix (ou Ensaio sobre a Liberdade)

**21. Lusco-fusco**
"Você pode até incendiar o meu barraco" e "Para não Esquecer"

**23. Berro HQ!**
"Bode Berro e a selva de pedra", por Jadiel Lima

**24. Lambe-lambe**
"Benfica", por Igor Prado


# Berradores


**Revista BERRO** | revistaberro.com | revistaberro@revistaberro.com
Twitter: @revistaberro | Facebook: RevistaBerroCE

**Tiragem:** 2.500 exemplares
**Impressão:** Expressão Gráfica e Editora

**BERRO** *é uma publicação alternativa e satírica sobre sociedade, arte, cultura, política, comunicação e muito mais, que tem o Bode Berro como mascote e guru. Aos poucos, você vai se acostumar com ela. Ou não!*

**Sonhador irresponsável**
Artur | artur@revistaberro.com

**Boêmio da madrugada**
Thiago Zé | thiagoze@revistaberro.com

**Menino da informática e dos desenhos**
Rafael | rafaelsalvador@revistaberro.com

**Poeta tocador de pífano**
João | jernesto@revistaberro.com

**Berraram também nesta edição:**
Claudia Ferreira
Davi Pinheiro (*davipinheirosantos@gmail.com*);
Jadiel Lima (jadiellima@alu.ufc.br);
Joana Bê (*joanahborges@hotmail.com*);
Jonas Tucci (*jocatucci@hotmail.com*);
Igor Prado (*isoprado@gmail.com*);
Ronaldo Salgado (*pintiar@uol.com.br*);
Verônica Guedes (*veronicaguedes@uol.com.br*)

# Solta o **Berro!**

## A Fortaleza Apavorada e o que ela esconde

*revistaberro.com (**goo.gl/jiC79a**)*

**Alice Xavier** Muito bom texto! Exatamente, a violência é fruto desse comportamento egoísta da sociedade.

*A violência é o fruto-mor da desigualdade, fia! O Fortaleza Apavorada não entende isso, só pensam nos imbigo deles! Nãm!*

## Cuba e Estados Unidos: Do embargo ao amadurecimento político

*revistaberro.com (**goo.gl/74Q1ND**)*

**Monika Bartkevitch** Uma leitura muito bem estruturada, sobre a real dinâmica que envolve EUA e Cuba. Esperemos ansiosos, que este novo desfecho finalmente se cumpra entre as partes. Excelente matéria!

*Eu tava pensando em ir pra Cuba mermo, aqui a saúde tá cara demais! Me engasguei com um ramo de capim um dia desses e só pro médico olhar na minha cara eu já tinha pagado 120 conto! Nãmmm! Como dizia meu bode avô: besta é o sapo, que tem quatro pernas e anda pulando!*

## Torcidas organizadas: resistência e fôlego com muito amor e paixão

*revistaberro.com (**goo.gl/es00i4**)*

**Netinho Matos** Verdade! Não adianta acabar com as torcidas organizadas. A violência apenas vai ser transferida de um local para outro, ou seja, dos estádios para as ruas.

*Mas ela já tá nas ruas também! Ói, os bodes marrons num tinham intriga com os bodes pretos nem com os brancos... isso só tem entre os hômi mesmo... povo briga por conta da cor da camisa, mah! Nãããm! Acho isso mó paia, ó!*

## A chegada de Mário Gomes no céu

*revistaberro.com (**goo.gl/DoFM32**)*

**Jacinta Falcão** Eternas saudades!!!

*Pois é, Jacinta... queria muito ter tomado uma com o finado Mário Gomes... mas ele deve tá é bem  longe desse mundo mêi pôdi, tomando uma cachacinha agarrado num rabo de um cometa junto com meu antepassado Bode Iôiô.*

## Vida e morte, João!

3ª edição impressa

*revistaberro.com* (**goo.gl/Eu27lr**)

**Raissa Forte** Caramba, me emocionei. Pior que existem muitos Joãos por aí nesse Brasil. E quando a morte chega para um deles a gente diz "foi merecido, quem mandou se meter com isso?" E não é bem assim, nesse mundo de vilões e mocinhos estamos longe de ser mocinhos. Digo estamos, pois sou da classe média, mas ao menos reconheço que parte da violência, se não a maior parte, é causada pela desigualdade que permeia esse mundão. Então, não se considere uma pessoa vencedora e lutadora na vida porque você anda de carro, usa roupas luxuosas e tem um emprego bom. Você apenas teve mais oportunidades que outras pessoas. Apenas isso. Há muito o que se refletir sobre a polícia que mata, sobre a esperança no olhar, sobre a educação, sobre o egoísmo....

*Pois é, eu antes tinha medo de matadouro, depois passei a ter medo de açougue, depois empurraram na minha cabeça que a gente tinha que temer mermo é gente pobre, negra... depois eu vi que eu tenho que temer é essa sociedade que tá prestes a linchar qualquer um que ande fora da "linha", que quer andar armada e atropelar qualquer pedestre que esteja "atrapalhando" seu caminho!*

**Roger Pires** Massa, lendo esse texto, se sentir tão perto de um personagem que parece estar tão longe socialmente.

*O texto mostra que aquele traficante é gente como a gente, ops, como vocês. Até eu, que sou um bode, sei que dentro de todo ser humano tem uma vontade danada de viver em paz. Que assim ele esteja!*

## **Revista BERRO**: feita 100% em software livre!

*revistaberro.com* (**goo.gl/KrJfW7**)

**Thaynan Limma** A **Revista BERRO** está de parabéns pela iniciativa de construir uma nova mídia, com o poder do *software* livre! Contem comigo!

*Pois vamo se juntar nessa onda de não depender desses programas que arrancar até os zói da nossa cara pra gente poder usar! Programa bom é programa livre, mídia boa é mídia livre!*

## No telhado

*revistaberro.com* (**goo.gl/0o1cih**)

**Hebe Medeiros** Gente, adorei lembrar da minha infância "banguela". Tenho vários registros felizes e até orgulhosos em mostrar minhas "janelas" e "porteiras". Pra mim, sempre era um momento mágico quando caía um dentinho, todo aquele ritual de jogar no telhado, avisar toda a família quando um dente começava a amolecer, cada dentinho que caía era prova que tava ficando velha...kkkkk. Hoje, posso reviver toda essa magia através do meu filhote Cauê, que também acredita em fada do dente. Dia desses, chegou da escola com um dentinho enrolado num pedaço de papel e disse: "Olha isso mãe! Caiu bem na hora do recreio, vamos jogar no telhado da vovó?"

*Pois é, quando eu era um cabritim, a gente não sabia usar linha, por falta da porra do polegar opositor... aí a gente tinha que tacar a dentada numa espiga de milho bem dura e ver o bixim cair. Às vezes, não saia nem sangue... e por falta da porra do polegar opositor a gente não tinha como fazer o pedido e jogar em cima do telhado, aí a gente tinha que enterrar. Bons tempos de cabritim.*

## O amor é uma merda

*revistaberro.com* (**goo.gl/DPZ257**)

**Paula da Ponte** É a coisa mais linda, pura e verdadeira que existe no universo!

*O amor ou a merda? Acho que uma diferença medonha entre os dois é que a merda, quando sai, deixa uma leveza só. O amor, quando sai, deixa um peso danado no peito, ao meno esse peito de bode aqui já segurou muito peso, hoje ele aprendeu a ser mais leve tomando um burrim com os amigos.*

## Quando eu morrer (sobre o poeta Mário Gomes)

*revistaberro.com* (**goo.gl/4k7E0i**)

**Sylvia Sousa** Saudoso louco e poeta amável e inesquecível!

*Todo poeta não cabe em si, nem mesmo está ajustado ao mundo que vive. Mário era poeta que comeu a merenda amassada pelo diabo antes de pegar carona num rabo de cometa.*

Mandem sugestões, comentários, pitacos, xingamentos, críticas, palavrões, juras de amor, o diabo a quatro pra gente. Quem sabe o Bode Berro não lhe responde na próxima edição, hein?

**revistaberro.com**
**revistaberro@revistaberro.com**
**Facebook: RevistaBerroCE**

# Laerte

Fotos: Claudia Ferreira e Jonas Tucci

Uma das mais conhecidas cartunistas brasileiras. Da geração dos anos 70, viveu a ditadura de perto, participou de vários projetos daquela turma sonhadora que resistia ao regime militar. Criou diversos personagens que se tornaram bastante conhecidos, como *Os Piratas do Tietê*, *Overman*, *O Gato e a Gata*, a série *O Condomínio*, entre outros. Publicou diversos livros, incluindo coletâneas com charges e cartuns. Escreveu peças e foi roteirista de programas de tevê, colaborou com *O Pasquim* e, junto com Glauco e Angeli, formou um trio que fez sucesso nos quadrinhos brasileiros: *Los 3 Amigos* (Laerton, Glauquito e Angel Vila). Atualmente, publica charges na *Folha de São Paulo* e apresenta o programa "Transando com Laerte", no Canal Brasil. Ufa!

Há alguns anos assumiu a transgeneridade e já deu incontáveis entrevistas sobre o assunto. A **Berro**, pra variar, também abordou o tema na conversa com a artista. Suas palavras são afiadas e seu senso crítico é pra lá de aguçado. Confira! Boa leitura!

(Foto: Jonas Tucci)

**A Berro bebe muito da fonte pasquiniana. O Pasquim, para nós, é referência, como ícone de anarquia, de escracho, de humor contundente que marcou uma época. Como você, tendo sido colaboradora, vê a atuação do semanário carioca naquele momento político difícil que o país passava?**

As publicações são frutos do seu contexto. *O Pasquim* tentou se refundar várias vezes, mas o momento, as ideias, as pessoas, tudo era diferente.

**E será que não tá faltando hoje no Brasil um Pasquim não, hein?**

O fato de ter existido um *Pasquim* naquela época não autoriza a pensar que falte "um *Pasquim*" hoje.

**Por quê?**

Há muitas ideias em circulação, em papel, na internet, nas mídias. Talvez não tão marcantes, mas os tempos mudaram também. Não há uma ditadura, não há mais a concepção de bem e mal, ou há, mas de um modo mais escorregadio. Havia naquela anarquia alguns elementos que soam ridículos hoje, como o culto à boemia, ao alcoolismo, à heterossexualidade, não?

**Sim, sim, soam bastante descontextualizados e anacrônicos. Mas, mudando aqui de assunto, um passeio de quinze minutos no centro da cidade é o suficiente pra gente lembrar o que nos faz amar e odiar uma metrópole como Fortaleza. Todo machista querendo dar uma de estilista, comentando o tamanho das roupas femininas. Esse assunto no Brasil é intrínseco à história do país. A mulata da Globo anualmente é colocada como objeto sexual que referencia a mulher negra, mas todo mundo vê como normal. Você acha que isso pode ser trabalhado na sociedade?**

"Trabalhado" é bom... faz pensar num esquadrão de boas consciências que "trabalham" as mentes decaídas. Questões como essa vêm sendo trabalhadas desde o século 19, pelo feminismo. Nada está parado, está?

**Não, nada está parado. Mas as coisas precisam mudar mais rápido, talvez. Ainda abordando a emissora carioca e a televisão em geral, na sua obra, Laerte, existe também a participação como roteirista em alguns programas da TV Globo, né? Então, como você vê a influência na estigmatização da mulher, do homossexual e do negro pela tevê aberta brasileira?**

Se esta é uma acusação velada, desvelemo-la. Eu escrevi para o *Sai de Baixo* — programa que foi apontado várias vezes como fonte de ridicularização da mulher, no caso da personagem Magda; de linguagem humilhante sobre a pobreza, no caso da personagem Caco Antibes; de estigma quanto à população originária do Norte e Nordeste, caso da personagem Ribamar. Não tinha negro e veado, mas podia ter.

Não sei se lamento ter escrito o que escrevi. Não sei se aceitaria escrever de novo. Minha relação com o que se entende por "humor" mudou bastante e não se reduz a fórmulas de procedimento respeitoso. Não sei se é possível reduzi-la a alguma coisa....

**Além de remunerar e dar uma certa visibilidade ao seu trabalho, você vê algum outro benefício ou aprendizado como artista nessa experiência na Globo?**

Remunerar remunerou — não deu visibilidade porque eu fazia parte de uma das muitas redações. Se eu não contasse para as pessoas que redigia para *Sai de Baixo* ou *TV Colosso*, ninguém saberia. Os créditos passam em velocidade, ninguém lê.

Sim, houve muitas lições que aprendi, principalmente vindas do Cláudio Paiva. Ele me ajudou a entender a dinâmica da produção para tevê, as muitas possibilidades da linguagem, as diferenças sutis e não tão sutis em relação à mídia impressa.

**Hummm... certo! Trocando aqui o assunto mais uma vez, o que você considera mais importante no fazer artístico?**

Essa pergunta é surrealista, não?

**Não, não achamos não. Mas, tentando refazer a pergunta pra ficar mais claro: a expressão artística é talvez a forma mais autêntica de colocarmos nossa opinião, nosso berro sobre várias questões...**

Por que a expressão artística é a forma "mais autêntica" de colocar opinião? E o discurso científico? E a construção sociológica, antropológica, religiosa?

**Pois é, por isso colocamos o "talvez", que faz toda a diferença. Hehehe! Mas, continuando a pergunta, você já criou muitos personagens, e há mais de dez anos resolveu aposentá-los, não é verdade? Por que decidiu parar com eles? Acabou a paciência, a criatividade ou a vontade em fazê-los?**

Meus personagens. Parei de trabalhar com eles porque senti ter completado um ciclo de vida.

Trabalhar com personagens — ou com fórmulas de roteiro como as que eu usava para construir as tiras e histórias — me pareceu um recurso sem vida, em determinado momento. Por isso decidi fazer essa mudança geral. É preciso sempre dizer que esse movimento foi totalmente pessoal e intransferível. A avaliação dos processos de criação só pode ser feita pela pessoa que cria.

Enfim, parei de fazer por sentir que não havia mais sentido para mim continuar naquele procedimento — repito que isto é absolutamente pessoal e intransferível. Não se aplica a qualquer outra pessoa criadora de humor ou tiras a não ser pelo julgamento dela própria. No mesmo movimento, resolvi retomar certos procedimentos que havia deixado pra trás quando me profissionalizei. A profissionalização é um endurecimento, um auto-enquadramento em nome da eficiência profissional. No meu caso, achei que devia recuperar algo da liberdade com que criava aos 19, 20 anos de idade.

"Eu não estou preocupada com os limites do humor. Estou preocupada com os horizontes dele."

**Ainda com relação aos personagens, o Grafiteiro, nas suas "oficinas de educação sexual", geralmente laça as mulheres com uma corda e tem comportamentos marcadamente machistas e fetichistas em relação ao sexo. Numa das tirinhas, ele laça a mulher, e tendo-a presa à corda, diz que educação sexual é tirar-lhe a roupa e depois ela ainda tem que dizer "obrigada". Para alguém que, como você, sofre horrores com a opressão machista, soa bastante contraditória a tirinha. Sabemos que ela foi desenhada num outro momento de sua vida, mas, vendo-a hoje, você tem algum arrependimento de ter feito HQs assim, bem machistas?**

Sinto na pergunta uma crítica, que recebo com respeito e deferência.

**Mas ela de fato é uma crítica!**

Sou uma pessoa muito contraditória — como várias outras pessoas, tidas como saudáveis. Talvez vocês mesmos sejam contraditórios, considerando um percurso profissional de 40 e tantos anos, não?

**Estamos só começando, engatinhando... mas a gente também é contraditório. É normal viver as contradições.**

Talvez seja quase normal, hein? Talvez eu nem precise me autoflagelar em praça pública, hein? A não ser que peçam e paguem bem. Não me "arrependo", mas tenho uma visão crítica do que fiz. Provavelmente eu não faria de novo nada do que já fiz.

**Massa! Vivendo e aprendendo. Nós da Berro ainda temos muuuito o que aprender. Mudando aqui de assunto: numa entrevista a um blog de um desses jornalões da mídia empresarial, você reitera, citando Hugo Possolo, que "pode fazer piada de qualquer coisa, o que importa é saber de que lado da piada você está". A gente te pergunta, então: o humor pode tudo, Laerte?**

A criação pode tudo, claro.

**Até mesmo reproduzir, reforçar e sustentar preconceitos e opressões?**

Até isso que vocês mencionam. O que tem é que ouvir, depois. O que não pode é censurar, antes.

Se você prestar atenção no que o Hugo disse — que a questão é saber de que lado da piada você está — vai entender que é possível tocar em qualquer tema sem "reproduzir, reforçar e sustentar preconceitos e opressões". A não ser que você, enquanto autor ou autora, esteja interessada exatamente nesse objetivo, o que não é crime. E nesse caso não adianta nenhum tipo de regulamentação da linguagem, não adianta censurar. Para discursos que violem as leis, deve haver um Judiciário adequado.

**"Um Judiciário adequado"? Esse é um dos problemas. Enfim, noutra entrevista que você deu sobre o atentado ao** Charlie Hebdo **(jornal satírico francês que teve sua redação invadida e assassinada por fanáticos extremistas), você diz que os cartunistas franceses do semanário fazem coisas que os brasileiros não fariam, como desenhar Maomé pelado de quatro com estrela no cu. A gente pensa que o humor deve ter esse componente agressivo, mas até que ponto desenhar o profeta sagrado dos muçulmanos daquela forma não se perde na construção desse propósito de contundência?**

"Não se perde na construção desse propósito de contundência". Nossa, vocês se perderam nesse propósito de pergunta.

**É verdade, tá com muita firula. Sem rodeios, a pergunta é: nesse contexto específico, qual o limiar entre o humor e o reforço à opressão a grupos historicamente oprimidos (gays, transgêneros, mulheres, negros, etc.)?**

Não há limiar. O discurso da comicidade é necessariamente agressivo. Não há como não sê-lo. Ao mesmo tempo, não goza de imunidade parlamentar, precisa responder pelo que afirma ou reforça ou apregoa ou elege. Aí, repito, entra a necessidade de um Judiciário eficiente, na defesa de pessoas oprimidas e prejudicadas.

**"Judiciário eficiente" é muito "cidadão de bem", né não? Mas enfim, muitos justificam as charges do** Charlie Hebdo **que satirizavam Maomé dizendo que eles também faziam desenhos jocosos de personagens e dogmas sagrados para cristãos e judaicos. Em que medida esse "sair atirando para todo lado" concretamente serve ao humor?**

Em que medida não serve? Lá em cima vocês mesmos fazem o elogio do *Pasquim*, justamente daquele que "é referência, como ícone de anarquia, de escracho, de humor contundente". Isso não rima com atirar pra todo lado?

**Pois é, são as nossas contradições vindo à tona... Muitos humoristas de décadas passadas são pessimistas em relação à qualidade do humor atualmente. Parte da sociedade questiona os limites do tema. Como você enxerga o fazer humorístico na atualidade?**

Eu não estou preocupada com os limites do humor. Estou preocupada com os horizontes dele, se me permitem uma figura retórica meio romântica. O fazer humorístico continua a todo vapor, na rede, no papel, na vida.

**E quais as principais diferenças que você percebe hoje em relação à época em que começou a trabalhar o tema com seu traço?**

A época em que comecei a trabalhar se caracterizava pela ideia de que existe o mal — a ditadura e seus apoiadores — e o bem — todo o resto. Naquela época era tudo mais fácil, simples e sumário. Demorou pra cair a ficha.

**Ainda sobre a ditadura, em 1974, você ganhou o prêmio do primeiro Salão Internacional de Humor de Piracicaba com uma charge que remetia às torturas sofridas naquela época, né?**

As pessoas que falam com leveza sobre tortura não foram torturadas nem têm ouvidos para quem o foi.

Charge vencedora do 1º Salão de Humor de Piracicaba em 1974, de Laerte.

**Essa inversão de valores e concepções do personagem remete a um certo medo da tortura, mas hoje vemos uma inversão de valores generalizada pelas pessoas, inclusive ilustrado por um discurso estigmatizado sobre quem "merece" ser torturado. Você, por ter vivido nessas duas épocas, pode falar de algumas distinções entre essa parcela de pessoas que era/é a favor da tortura nesses dois momentos?**

Gente que pede intervenção militar ou que acha que tem que "descer o pau em bandido" não vê o outro, não enxerga a humanidade do outro. A tortura continua no Brasil, diariamente, sobre pessoas que não despertam a comoção da população. A ideia de uma cultura de direitos humanos ainda está bem longe, segundo penso.

**Tirando agora o peso do tema, e falando de algo leve, nessa nova safra de quadrinistas brasileiras(os), qual aquela(e) ou aquelas(es) que você bota fé?**

O Rafael Coutinho é o meu paradigma de nova geração.

**O que há de diferente e inovador no trabalho dele?**

Ele tem um trabalho original, forte e que frequenta e inventa possibilidades de uso de mídia que a minha geração nem sonhava. Há muitos nomes; cito apenas o Rafael porque é um dos melhores, porque tenho receio de não citar pessoas que deveria e porque ele é meu filho.

**Isso tá com cara de nepotismo nos quadrinhos. Hahahaha! Brincadeirinha! Com relação à sua escolha pelo travestismo, que começou a ocorrer mais ou menos há cerca de dez anos, você já deu centenas de entrevistas falando como foi o processo, o conflito interno, etc.**

Dei centenas de entrevistas mas ainda tenho que ouvir "escolha pelo travestismo". Que cansaço.

**Eita mah! Foi mal aí! Mas, voltando à pergunta, o Jung, com seu conceito de** anima**, explica parte desse comportamento, embora não necessariamente a energia feminina que todo homem possui resvale para o** cross-dressing**, para a bi ou para a homossexualidade.**

Jung deve ter chutado bonito, li muito superficialmente o que ele pensava, muita gente chutou à vontade, mas é quase impossível explicar de uma forma só a transgeneridade. Quanto à homossexualidade, não tem necessariamente conexão com o desejo de pertencer a outro gênero. São coisas diferentes, que se articulam, mas são autônomas: o sexo biológico, a orientação sexual e a chamada identidade de gênero.

**A verdade é que não deve ter sido nada fácil optar por esse estilo de vida. À parte o preconceito e o estranhamento social – que vêm em larga medida, qual o berro que você dá ao assumir-se enquanto transgênera, Laerte?**

Acho que não dou berro, não. Sou quietinha.

"Muita gente chutou à vontade, mas é quase impossível explicar de uma forma só a transgeneridade" (Foto: Claudia Ferreira)

**Berrar é bem facim ó: bééé! Mas ainda sobre o assunto, o Brasil é o país do mundo que mais mata pessoas pelo fato destas serem assumidamente homossexuais.**

Não só "assumidamente homossexuais". Matam transgêneros também. Pessoas que "parecem" homossexuais ou transgêneros, também. Pessoas que parecem remotamente essas categorias também.

**Sim, sim, claro. Você fundou a ABRAT (Associação Brasileira de Transgêneros), que luta para combater essas estatísticas de horror. Analisando nosso cenário, você consegue enxergar luz no fim do túnel para essa questão num país tão conservador e machista como o nosso?**

Somos um país difícil, mas acho que as coisas estão mudando. Parece estranho falar em coisas mudando quando o número de mortes com motivação homotransfóbica ainda é tão alto, mas há conquistas significativas em todos os lugares, que não dizem respeito só a pessoas com algum tipo de destaque; devem beneficiar, a algum prazo, a população LGBT como um todo. Acho que a medida em que essas mudanças se consolidarão vai ser dada pela compreensão de toda a sociedade do caráter universal dos direitos que reivindicamos. Ao contrário do discurso cruel do moralismo e do conservadorismo, não se está buscando nenhum tipo de privilégio, mas sim um avanço real no gozo nacional dos direitos civis.

# Sementes de coração, gentes floridas

Por Ronaldo Salgado
Foto: Ronaldo Salgado

Não sou fotógrafo. Não sou jardineiro. Não sou cronista. Não sou poeta. Sou apenas um ser humano como outro qualquer que gosta de fotografias, jardins, crônicas, poesias e seres humanos – detesto os seres humanos desumanos, vou logo avisando para que eles me detestem também e, assim, a distância regulamentar entre mim e eles seja rigorosamente mantida e obedecida pelas partes. Ah, antes que me esqueça: gosto de cerveja!

Nesse emaranhado de não-ser e gostar, assumi um jardim ao qual dei o nome Jardim de poesia, saudade e cerveja. Não é lá essas coisas, vá lá! Mas me traz para bem dentro de meu coração fotografias, jardins, crônicas, poesias, seres humanos... Nesse jardim, há um terraço erigido em forma de bar em homenagem a um poeta – Terraço Poeta Sales, 1\4 de Bar – e concebido em intenção amorosa. Não vingou o amor.

Entanto, terraço e bar me afogam em poesia, saudade e cerveja. Tudo por uma vida que se leva assim entre responsabilidades e ócios, saudades e besteiras, sentimentos e sonhos, embriaguez e desordem, filosofias vãs e amizades pétreas, dores e sabores, desabafos e desassossegos, espantos e êxtases, encantos e surpresas... Brincadeira mesmo de quem tem na vida um caleidoscópio a sacudir corpo e alma, coração e razão, medo e volúpia, criança e homem (des) feito... Entre poesia, saudade e cerveja!

Nos canteiros desse jardim, onde aqui, acolá flagro ratos e lagartixas – mas, também rolinhas e beija-flores, pombos e bem-te-vis –, os jatos d'água que saem de uma mangueira de 35 metros de comprimento, quando bastavam cinco metros, alegram plantas e flores e rosas e bichos. E me fazem mergulhar em saudade e memórias, reminiscências e solidões, desejos inconfessos e segredos acovardados, além de atiçarem o meu coração rumo a janelas de luzes e sombras, músicas e versos, distâncias e proximidades, em meio a risos e lágrimas, tudo numa avassaladora experiência do existir que grita, sacode, atiça, atalha, debulha, espalha, inunda, embaralha, machuca, acaricia, desabafa, embriaga, intumesce e frutifica o ser humano que sou.

Nas paredes e nas mesas desse bar, penduro coisas concretas ou representações metafísicas, copos e garrafas, abridores de bebidas e chaveiros, artesanias existenciais, poéticas de fraternidade, amorosidade, loucuralidade, fantasia, materialidade, devaneios, sonhos, sentimentos, verdades e invenções, imaginários, intervenções, fotografias... Tudo que, dilatando-se do jardim ao bar, do bar ao jardim, é propriamente de gente! Diz do que sou. Do que somos. Fomos um dia. Seremos ou queremos ser nos devires. Simplesmente porque seja de fotografias, jardins e de crônicas, seja de poesias, seres humanos e cervejas e bares, estamos todos na escrevinhação fabulosa ou verídica da existência finita, morredoura, etérea da vida em movimento. Um constante pêndulo que ora nos leva a lágrimas pesadas e profundas; ora nos empurra a gargalhadas em profusão dessa gostosura existencial e inolvidável.

– Há quem se atina nesses novelinhos!

Reportagem

# Cidade para quem? Salve-se quem puder!

Por Artur Pires
Fotos: Davi Pinheiro

Você aí, que mora num grande centro urbano, já parou para perceber a dinâmica de sua cidade? Certamente ela é violenta, desigual, poluída, tem um trânsito caótico, há pessoas morando nas ruas, pedindo esmolas... Você já se perguntou se isso é normal ou natural? Se de fato estamos fadados eternamente a conviver em espaços sociais tão desumanizados?

O processo de formação das cidades modernas deu-se com a Revolução Industrial, ainda no século XVIII. No entanto, foi no século XX, principalmente na segunda metade, que a urbanização chegou com força aos países periféricos, caso do Brasil. Com o desenvolvimento industrial desembocando nos tecidos urbanos do "terceiro mundo", cada vez mais camponeses eram atraídos às cidades, na esperança de emprego e vida próspera. Mas não foi isso o que aconteceu. As metrópoles brasileiras cresceram desordenadamente e contaram ainda com um intenso processo de marginalização de um setor social. Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU), atualmente cerca de 25% da população mundial que mora em cidades vivem na absoluta pobreza. No Brasil, esse índice é ainda maior!

As cidades foram sendo feitas e consumidas pelo capital especulativo imobiliário, que não pode atender a todos, só àqueles que têm como pagar. E aí, alguns citadinos tiveram que pagar a conta com remoção, expulsão de suas casas, etc. Muitas áreas antes subvalorizadas das grandes cidades estão passando atualmente por um processo de "gentrificação", no qual populações de baixa renda estão sendo removidas de suas regiões para que estas deem lugar a empreendimentos imobiliários rentáveis. De acordo com o professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), José Borzacchiello, "esse processo de expulsão dos pobres de áreas centrais da cidade é a estratégia do capital para reimprimir valor em determinados territórios urbanos, a partir do simbólico e da subjetividade. Em nome da 'revitalização' são apresentados projetos de '*gentrification*' nos setores da habitação, do comércio ou do patrimônio histórico, como forma do capital obter rendas com a valorização do uso do solo". Contudo, segundo o coordenador do Laboratório de Estudos da Habitação (LEHAB), do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC, Renato Pequeno, "se pensarmos nos planos de embelezamento das áreas centrais ocorridos no final do século XIX e início do século XX, seguindo o chamado modelo Haussmaniano, este processo de enobrecimento das áreas degradadas com potencial de valorização imobiliária não corresponde a nenhuma novidade". Portanto, há pelo menos um século o capital vem transmutando a dinâmica sócio-espacial das cidades à sua maneira.

Jurídica e politicamente falando, há, desde 2001, o Estatuto da Cidade, Lei Federal n° 10.257, que regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição. Entre outras diretrizes, a lei diz que as prefeituras devem criar espaços de participação comunitária e instituir o Núcleo Gestor do Plano Diretor Participativo, composto de representantes do governo municipal, parlamentares, acadêmicos, sindicalistas, lideranças comunitárias e de segmentos da sociedade. Uma maravilha! Pena que na prática o que se percebe é uma negligência escancarada ao Estatuto. Em janeiro deste ano, o Governo Federal sancionou a Lei nº 13.089, que instituiu o Estatuto da Metrópole. Será mais uma norma sem serventia? A tirar pelo ministro das Cidades, Gilberto Kassab, que quando prefeito de São Paulo não avançou nada na reforma urbana, só nos resta lamentar! Aliás, que cargas d'água faz o Ministério das Cidades? Parece mais história da carochinha! Para o professor Borzacchiello, enquanto as leis "não avançam em sua aplicação, o capital especulativo e predatório continua sua saga perversa".

Segundo a professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), Beatriz Rufino, "a cidade e sua produção se tornaram fonte de ganhos de grupos econômicos muito fortes". Ainda de acordo com a docente, que pesquisa produção imobiliária e planejamento urbano, entre outros temas, as mudanças pelas quais o capitalismo passou a partir dos anos 70 foram "determinantes no tocante à urbanização, e na importância que essa adquire. Ela deixa de se ser uma base para a acumulação do capital (industrial) para se tornar uma estratégia de acumulação em si". O sociólogo e filósofo francês Henri Lefèbvre, em seu *A Revolução Urbana*, endossa a fala da urbanista, ao afirmar que a urbanização foi essencial para a sobrevivência do capitalismo e estava destinada a tornar-se foco central do sistema.

Para o também sociólogo francês Guy Debord, no seu clássico *A Sociedade do Espetáculo*, o urbanismo, sob a égide do capital, vai recriar a totalidade sócio-espacial da cidade como seu próprio cenário. É aí onde pipocam os condomínios de luxo, que funcionam como bairros projetados, com ruas, parques, equipamentos de esporte e lazer, comércio e serviços, e um sistema de segurança altamente especializado. A cultura do medo funciona como mote para esse tipo de arquitetura. O padrão "Alphaville" espalhou-se por todo o Brasil. Em *Confiança e Medo na Cidade*, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman fala em um tipo de urbanismo que coloniza ilhas de segurança para os ricos. Estes não têm sentimento de pertença às cidades onde vivem, preferindo a segregação à integração.

Outro fenômeno perceptível nesse modelo de urbanismo é a proliferação dos *shopping centers* como espaços-símbolo de convivência e consumo. De acordo com Borzacchiello, que também é membro do Observatório das Metrópoles, "a dinâmica (do *shopping*) trata de forma falseada o cotidiano urbano convencional. Inauguram novas formas de sociabilidades num espaço 'público' de propriedade privada. Recriam ruas e apostam nos preceitos da 'segurança' e da 'assepsia', oferecendo espaços vigiados e limpos. Essa 'ilusão' fica circunscrita aos espaços de consumo, posto que nem seus estacionamentos são realmente seguros". Concordando com a opinião do geógrafo Borzacchiello, o também professor da UFC, Renato Pequeno, assevera que "os shopping centers não são espaços públicos e os preços por eles estabelecidos em seus espaços de lazer são extremamente proibitivos e excludentes para a grande maioria da população. Mesmo diante da expansão do consumo, estes espaços continuam extremamente controlados e seletivos".

## Onde público e privado se lambuzam (na lama!)

O ramo imobiliário tem fincado raízes profundas dentro do poder público e age, progressivamente, com uma maior complacência do Estado. Na verdade, ambos estão bastante enredados, atuando como sócios, numa trama que constrói cidades cada vez mais segregadas. Os interesses estatais e empresariais parecem ser um só. A lucratividade é a meta principal, em detrimento do direito à cidade para a maior parte da população.

Existe amor na selva de concreto?

No tocante a essa convergência entre público e privado na gestão das cidades, é importante não perder de vista o alto poder de influência das empreiteiras. Desde os anos 60, são estas empresas que financiam majoritariamente as campanhas eleitorais no Brasil, "amarrando" os eleitos às suas vontades. Elas contribuem decisivamente para o *apartheid* social, gerando empreendimentos rentáveis em regiões economicamente valorizadas das cidades e negligenciando outras partes. Tudo isso com a conivência e o apoio do Estado, que investe nestas áreas nobres e faz aumentar o preço do metro quadrado, gerando lucros às empreiteiras especuladoras, num processo conhecido como mais-valia urbana.

Para a professora Beatriz Rufino, "o avanço da agenda neoliberal foi redirecionando a atuação do Estado como um facilitador da atuação do setor privado, inclusive na execução de suas políticas e projetos. No plano econômico, há uma crescente importância do capital financeiro, que na procura de novos espaços para a valorização do capital passa a atuar de maneira privilegiada no setor imobiliário e na própria gestão das cidades". Corroborando com a ideia, Pequeno endossa que "à medida que os investimentos públicos se repetem nos mesmos setores, nas mesmas localizações e atendendo aos mesmos grupos, nossas cidades se revelam cada vez mais segregadas e desiguais. Para os latifundiários urbanos, esta situação é bastante favorável, visto que conseguem ampliar seus lucros, sem realizar quaisquer investimentos".

Portanto, combater esse modelo de cidade não é fácil, uma vez que a especulação se traveste, frequentemente, de valorização imobiliária. Políticos adoram dizer que região "x" da cidade agora está valorizada, não é? E a sociedade civil, quase sempre, compra a ideia e endossa esse processo de "valorização". Segundo a urbanista da USP, esse é justamente o problema: "esta valorização foi legitimada por todos, e se coloca como estratégia de desenvolvimento das cidades. Quando se fala de especulação, todos são aparentemente contra. Quando se fala de valorização, todos, mas principalmente os proprietários e o poder público, são a favor. Temos que lembrar que é a valorização e sua expectativa de continuidade que sustenta a especulação".

Condomínios de luxo: de frente pro mar e de costas pra favela.

**NO SITE** Relembre a reportagem que investigou as violações, trazidas pela Copa do Mundo no Brasil, aos direitos humanos. **goo.gl/CjtjfG**

## Minha Casa, Minha Vida: nem tudo o que parece é

O *déficit* habitacional no Brasil é gigantesco. De acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - estudo mais recente sobre o assunto -, 5,8 milhões de habitações precisariam ser construídas para sanar o problema da falta de moradia no país. Esse mesmo estudo verificou que há mais de 6 milhões de domicílios vagos em todo o Brasil, ou seja, numa matemática bem simples, vemos que há mais domicílios vagos do que pessoas sem locais adequados para viver. A conta não fecha porque não há vontade política e a sanha do capital é muito maior; é interessante para o mercado imobiliário que prédios inutilizados permaneçam desocupados, à espera de valorização.

O descaso não vem de hoje. Está na gênese da formação do povo e das cidades brasileiras. O coordenador do LEHAB é taxativo: "sempre lembro dos números a respeito das condições de moradia no século XIX, quando a população brasileira era de aproximadamente 10 milhões de habitantes, e quase um terço (mais de 3 milhões) era de escravos vivendo em senzalas sem direito de propriedade. Este problema portanto está na nossa origem!".

Numa análise mais aprofundada percebe-se que a especulação imobiliária caminha lado a lado com as políticas públicas para a habitação. O "Minha Casa, Minha Vida (MCMV)", programa habitacional e "menina dos olhos" do Governo Federal, reflete, de certo modo, essa questão. De antemão, é justo que se deem os devidos créditos ao programa: o MCMV contratou nos últimos cinco anos mais de 3 milhões de novas moradias. Esse esforço de investimento é inédito. Para efeito de comparação, em mais de 20 anos de existência, o Banco Nacional da Habitação (BNH) - órgão que existia para atender tal demanda - financiou 4,5 milhões de habitações, sendo que a maioria para a população de classe média. Portanto, são inegáveis os avanços que o MCMV trouxe para a questão habitacional no país. No entanto, analisando-o com mais criticidade, sem estar hipnotizado pelo *marketing* do Governo Federal, vê-se que o programa trouxe moradia à custa de isolamento sócio-espacial das populações assistidas e de subserviência às exigências do capital imobiliário, que ditou as regras em todo o processo.

Para o geógrafo Borzacchiello, o MCMV "esgarça mais ainda o tecido urbano das cidades e afasta cada vez mais o cidadão de seu local de trabalho. Esse consorciamento junta proprietários de terra e grandes incorporadores. A resposta espacial desse processo nada mais é senão a aceleração da especulação imobiliária e o distanciamento da população mais pobre dos centros tradicionais e das novas centralidades mais equipadas das cidades brasileiras". As famílias não têm escolha: devem aceitar morar em rincões das cidades e submeter-se a longos deslocamentos para trabalhar, para ter acesso a equipamentos de saúde, educação, lazer, etc.

Recentemente, o Laboratório de Estudos da Habitação (LEHAB), vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC, num estudo elaborado em rede com outros dez grupos de pesquisa afins, de cinco estados brasileiros, concluiu que o MCMV apresenta sérios problemas, principalmente em relação às condições de inserção urbana de seus empreendimentos. De acordo com o estudo, as condições de segregação são visíveis. Para o coordenador da pesquisa, Renato Pequeno, a face perversa do programa se dá "através de processos que denotam a negação do direito à cidade e do acesso às infraestruturas urbanas e aos serviços, a formação de novas periferias e o preenchimento de resíduos de tecido urbano, a fragmentação territorial associada às formas urbanísticas e arquitetônicas adotadas, a monofuncionalidade dos espaços, distanciando as famílias atendidas dos benefícios trazidos pela cidade". Ainda segundo o professor, ao escantearem os atendidos pelo programa para as bordas da cidade, o mercado imobiliário viabiliza novas rotas de expansão, "surgindo no trajeto centro-periferia novas áreas para investimentos, assim como se tornaram ainda mais valiosas as glebas remanescentes nas cidades em melhores localizações".

A professora da USP Beatriz Rufino pontua que esses empreendimentos têm gerado um *déficit* urbanístico imenso para as cidades. Segundo a urbanista, "o programa segue o receituário das políticas neoliberais, onde o Estado define como sua tarefa o papel de retirar os entraves burocráticos e criar condições necessárias para atrair o setor privado para atuar na execução da produção de casas. O problema é a aposta na produção de propriedade privada como modelo único para resolver a questão do problema habitacional. Esse é o mantra de parcerias público-privadas, que vai se reproduzindo nos mais diferentes setores das políticas públicas, como se não fosse possível outra solução".

Numa perspectiva mais abrangente, o MCMV não é uma política pública para habitação propriamente, mas uma solução engenhosa do mercado imobiliário para atrair segmentos sociais antes inexplorados e inalcançados pelo setor. Aqui, cabe verificar a moradia sendo transformada em mercadoria, despojada de sua função social. Ou seja, o programa funciona como um reforço à ideologia da casa própria individual, e fecha as portas para outras modalidades de habitação. Essa mesma política já foi adotada na África do Sul, no Chile e no México e as consequências foram danosas.

O MCMV ainda tem um modelo que é insustentável para muitas famílias: a obrigatoriedade de pagar condomínio. Em muitos casos, esses custos são superiores ao pagamento da casa. Percebe-se o dedo do mercado imobiliário nesse ponto – e a complacência vergonhosa do Governo Federal. Por fim, segundo dados do MCMV, nas suas duas fases, constata-se que as famílias com renda entre zero e três salários mínimos, que representam 85% do *déficit* habitacional, são as menos atendidas pelo programa, ao passo que aquelas com rendimentos entre três e dez salários mínimos, que representam apenas 15% do déficit de habitação, são as mais atendidas. Vai entender!

A professora Beatriz Rufino deixa a pergunta para pensarmos: "Estamos produzindo muitas habitações com o Programa MCMV, mas será que estamos produzindo cidades mais justas?"

## Fortaleza: onde a desigualdade mora

As grandes cidades tornaram-se, em sua essência, mercadorias. Toda sua configuração sócio-espacial, cada pedaço da metrópole, virou produto. Os citadinos que não têm acesso ao mercado são marginalizados e marcados pela violência. Os casos da comunidade Alto da Paz, dos viadutos do Cocó e do Acquario, em Fortaleza, ou do "Ocupe Estelita", em Recife, ilustram bem essa questão.

Segundo a pesquisadora da USP, "esses processos de remoção têm de ser entendidos à luz dessa lógica de valorização que cada vez ganha mais força nas cidades. Remoção de favelas e construção de novas infraestruturas são muito importantes nessa valorização, e por isso se tornam pautas do mercado junto aos governos".

76% dos bairros de Fortaleza têm Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, menor que 0,5 (numa escala de zero a 1).

A paraense Ana Claudia Fonseca era uma das moradoras da comunidade Alto da Paz, na zona leste da capital cearense, um terreno de 116 mil m², que estava abandonado há algumas décadas, e foi ocupado por mais de 500 famílias, segundo a Associação dos Moradores. Há cerca de um ano e meio, em fevereiro de 2014, os moradores viveram um dia de terror: foram acordados com o Batalhão de Choque da Polícia Militar demolindo suas casas. "Foi no silêncio da madrugada que eles invadiram, a coisa mais horrível do mundo. Muita gente perdeu tudo, seus móveis, suas coisas", relata a vendedora de lanches na Praia do Futuro, que veio do Pará ao Ceará em busca de melhores dias. Ana Claudia havia

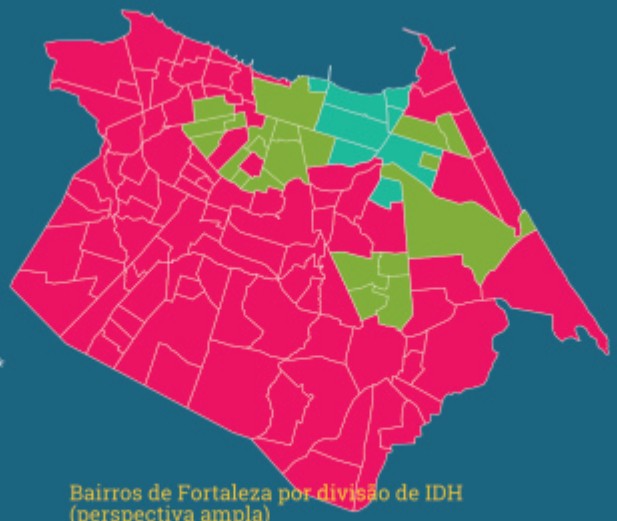
# Mapas da Desigualdade em Fortaleza

Infográfico: Rafael Salvador

As manchas da desigualdade socioeconômica na capital cearense: 76% da cidade é composta por bairros com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)* baixo, contando com os bairros de IDH extremamente baixo, que somam 24% de toda a metrópole. Na outra ponta, a "ilha de prosperidade" é formada por apenas 8 bairros (7%) com IDH maior que 0,7.

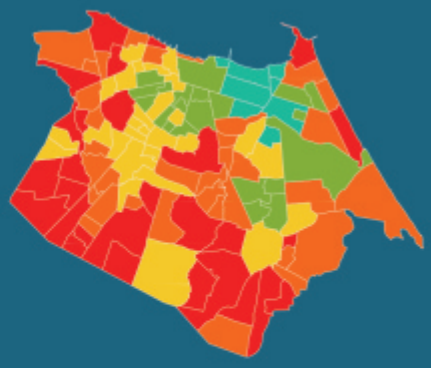
*O IDH avalia três dimensões básicas do desenvolvimento humano — renda, educação e longevidade — dando um valor de 0 a 1.

Fontes: IBGE (Censo 2010) e Prefeitura de Fortaleza



Bairros de Fortaleza por divisão de IDH (perspectiva ampla)

- Extremamente baixo, Muito baixo e Baixo (até 0,5)
- Médio (0,5 a 0,7)
- Alto (0,7 a 0,8) e Muito alto (0,8 a 1)



Bairros de Fortaleza por divisão de IDH (perspectiva detalhada)

- Extremamente baixo (até 0,25)
- Muito baixo (0,25 a 0,35)
- Baixo (0,35 a 0,5)
- Médio (0,5 a 0,7)
- Alto (0,7 a 0,8) e Muito alto (0,8 a 1)

comprado o barraco onde morava por 8 mil reais, economia que guardava desde quando vivia no Norte. "Perdi os 8 mil, hoje moro de aluguel num quitinete de 400 reais", desabafa.

A vendedora se queixa da maneira como a Prefeitura tratou os moradores. "Foi muito cruel, foi tudo mentira o que eles disseram, prometeram ajuda de custo de 100 reais por mês, e não foi nada disso. Eu nunca recebi nada, nem uma visita. Mas eu ainda *tô* é bem, conheço várias famílias que foram expulsas em situação bem pior que a minha".

A comunidade Alto da Paz foi destruída no dia 20 de fevereiro de 2014, com a promessa de que ali seriam construídas 1.472 unidades do "Minha Casa, Minha Vida", e que 328 unidades seriam para os moradores que ocupavam o terreno. A ajuda de custo, promessa da Prefeitura à época do despejo, só foi paga por dois meses – e ainda assim apenas a algumas famílias. Até o fechamento desta edição, a obra sequer havia iniciado, quase um ano e meio após a remoção.

Na tese de doutorado da professora da USP, Beatriz Rufino, há a constatação de que o mercado imobiliário de Fortaleza cresceu em volume de negociações mais de cinco vezes entre 2005 e 2010, e os imóveis em média aumentaram mais de 100%.

Ainda de acordo com a urbanista, que participou da equipe de coordenação do Plano Diretor da capital cearense, "se olharmos a história da produção do espaço em Fortaleza, veremos que os mesmos agentes que foram responsáveis por grande parte dos loteamentos da cidade ocuparam simultaneamente importantes cargos no executivo municipal". Assim, conclui a pesquisadora, "fica evidente que, numa cidade que vive da promoção de sua contínua valorização, não haverá lugar para todos. Só para aqueles que puderem pagar mais! Com a continuidade do aumento de investimentos e da valorização, todas as áreas da cidade tendem a entrar nessa lógica. Se for assim, onde ficarão os mais pobres?".

Fortaleza cresceu bastante nas últimas três décadas, principalmente a partir dos primeiros anos do século em direção às zonas leste e sul. Hoje, tem o maior Produto Interno Bruto (PIB) do Nordeste (aproximadamente 43 bilhões de reais), a quinta maior população do Brasil, com 2,57 milhões de habitantes, e uma região metropolitana beirando os 4 milhões. É uma metonímia perfeita das grandes cidades brasileiras: violenta e profundamente desigual. De acordo com o relatório mais recente da Organização das Nações Unidas, em seu programa para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat/2011-2012), é a quinta aglomeração urbana mais desigual do mundo. Outras cidades brasileiras também fazem parte dessa lista nada desejável, como Goiânia, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Recife, Salvador, Rio e São Paulo. Nenhuma novidade!

A capital cearense comprova sua desigualdade gritante em números: segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), 7% dos fortalezenses concentram 26% da renda total da cidade. Na outra ponta, os 44 bairros de menor renda, que somam quase metade da população (49%), respondem pelos mesmos 26%. Em estatísticas recentemente mapeadas pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico (SDE) do município, a partir de dados do último censo do IBGE (2010), constatou-se que 76% dos bairros possuem Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, menor de 0,5 (numa escala de 0 a 1). O IDH avalia três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e longevidade.

A configuração sócio-espacial da metrópole cearense é marcada por uma ilha de prosperidade e alta concentração de renda na sua área nobre e turística, que se restringe a cerca de dez bairros, todos situados na região nordeste do município, em contraste com bolsões e mais bolsões de miséria por todo o restante de seu território. Para se ter uma ideia do quadro de desigualdade, a renda média mensal dos moradores do bairro à beira-mar Meireles, o

mais rico, é 14 vezes maior do que a do Conjunto Palmeiras, o mais pobre. Para o coordenador do LEHAB, "Fortaleza precisa ser vista como uma metrópole que há muito ultrapassou os seus limites. A cidade precisa ser discutida! Falta a abertura de arenas de debate em que seus problemas sejam discutidos".

O professor Renato Pequeno ainda acrescenta que a verdadeira história da expansão urbana da capital cearense se deu "através das muitas favelas removidas para grandes conjuntos periféricos associada às melhorias urbanísticas, as quais geraram valorização imobiliária e tornaram aquelas áreas inviáveis para parte de seus moradores que tiveram de se mudar". Segundo o urbanista, diante das mais de 600 favelas de Fortaleza, é extremamente importante que nos questionemos acerca do motivo da escolha da comunidade do Titanzinho, no Serviluz (Cais do Porto), como alvo de intervenção do poder público, semelhante a processo que ocorreu no Pirambu e na Barra do Ceará, através do projeto "Vila do Mar", e que também deve ocorrer em breve com o Poço da Draga, o Lagamar e várias comunidades nos bairros Edson Queiroz e Sapiranga. Para ele, o que há em comum entre essas áreas é "a proximidade de investimentos imobiliários e públicos que tendem a valorizá-los". No final das contas, quem vai sofrer com remoção são os moradores que estão nessas regiões há décadas.

## Há solução para os grandes centros urbanos?

A realidade atual dos centros urbanos é que a qualidade da vida e os espaços sociais transformaram-se em mercadoria. Portanto, é justamente nesse ponto que se chocam duas concepções completamente distintas de cidade. De um lado, a metrópole do caos, que aparta, que exclui, que expulsa gente de suas regiões para construir condomínios de luxo, a cidade-empresa, a cidade como um grande balcão de negócios; na outra ponta, está o projeto de uma cidade acolhedora, que promova a diversidade e a integração social, que estimule e facilite espaços de convivência, que garanta o bem-estar e a dignidade de todos os seus moradores, independente da região em que vivam e de sua classe social. O momento, portanto, é de disputa por qual modelo de cidade queremos.

Dentro do campo da institucionalidade, a implantação do IPTU progressivo é uma estratégia importante. Segundo Borzacchiello, "o imposto tende a aumentar a densidade demográfica e propiciar melhor relação custo/benefício no processo de produção da cidade e do urbano". Para a professora da USP, "ele poderia ser uma ferramenta mais interessante de financiamento das cidades e ao mesmo tempo de controle da valorização. Para isso seria importante torná-lo mais redistributivo, isto é, proporcional aos preços dos imóveis e à quantidade de imóveis. Na França, por exemplo, paga-se muito mais pelo segundo imóvel". O professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC não é tão otimista, mas aponta caminhos: "o IPTU progressivo sozinho tem pouco poder de mudança, dando inclusive tempo suficiente para que os grandes proprietários de terra se reestruturem. Vejo a necessidade de medidas mais rápidas e mais radicais, como as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS). A identificação de ZEIS do tipo vazio urbano associada a uma política habitacional que se volte para a urbanização de favelas poderia influenciar positivamente na queda da especulação imobiliária e da valorização excessiva". Seria interessante também fazer valer uma lei que está definida na Constituição Federal, mas que ainda hoje não está implementada: cobrar mais IPTU de prédios que não cumprem a função social. Esse imposto nasceu na luta pela reforma urbana e no combate à especulação imobiliária e precisa ser de fato implantado nas cidades.

Contudo, para além do campo institucional, há um mundo de possibilidades. Junto com o processo perverso de urbanização, os movimentos sociais buscam novas formas de organização e mobilização. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), presente em diversas cidades do Brasil, é um exemplo: tem conseguido levar cada vez mais pessoas às ruas em todo o país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Com uma estratégia de ocupar terrenos e prédios abandonados e/ou inutilizados para pressionar o poder público a negociar com as famílias sem-teto, o movimento vem conquistando cada vez mais adeptos. Segundo Borzacchiello, "a organização de redes de movimentos sociais voltados à ocupação popular inaugura uma nova conjuntura no plano das ações desses movimentos. Essa condição sócio-territorial estabelece uma nova correlação de forças que aponta para uma dinâmica sócio-espacial ainda não vivenciada nas cidades". Existem diversos movimentos organizados na luta por moradia e pela reforma urbana no Brasil. Essa é uma pauta que só cresce, concomitante ao avanço da especulação imobiliárias nas cidades.

> "A questão a ser enfrentada é a valorização imobiliária. O direito de permanecer e decidir sobre os destinos da cidade, a luta pelos espaços públicos e pelo direito à moradia."

De acordo com a docente Beatriz Rufino, "a questão central a ser enfrentada é a valorização imobiliária. O direito de permanecer e decidir sobre os destinos da cidade é a grande pauta, que está aparecendo na luta pelos espaços públicos e pelo direito à moradia. Em batalhas pontuais como o Estelita (em Recife), o Acquario e o Alto da Paz (em Fortaleza) está se consolidando a discussão que é estrutural em nossas cidades!".

Para o coordenador do LEHAB, "a grande questão é como enfrentar a parceria histórica firmada entre o Estado e a iniciativa privada. Com maior controle social,

com a expansão das ações insurgentes, com o enfrentamento propositivo às intervenções urbanas que promovem a desterritorialização dos grupos excluídos, é possível reconhecer uma saída! A cidade não apenas permite o convívio social, mas também exacerba as desigualdades na sua paisagem, levando a que os movimentos sociais urbanos se transformem a cada dia". Todavia, o urbanista pontua que se não for atacada a raiz do problema, no caso a desigualdade social, nenhuma cidade poderá ser transformada realmente.

O geógrafo Borzacchiello endossa que movimentos como o *Occupy*, em Nova Iorque; o Ocupe o Cocó, em Fortaleza; ou o Ocupe Estelita, em Recife, funcionam como espaços de autogestão, que produzem relações criativas e solidárias advindas de movimentos sócio-territoriais na luta pela conquista do direito à cidade, inaugurando modos inovadores de organização e de mobilização. "Insisto na conquista da autogestão, pois acredito na sua capacidade de produzir espaços fortes e criativos. Um dia, a utopia será real!", completa ele. Oxalá! Patativa do Assaré já ensinava: "Se a terra foi Deus quem fez, se é obra da criação, devia cada freguês ter seu pedaço de chão (...) Esta terra é desmedida e devia ser comum, devia ser repartida, um taco pra cada um".

## "Eu moro é na rua"

Como vimos, o *déficit* habitacional brasileiro é de 5,8 milhões de moradias. Por isso mesmo, em qualquer grande cidade percebemos uma quantidade enorme de pessoas vivendo nas ruas. São os invisíveis sociais! Só são vistos quando adentram um espaço urbano que não lhes é destinado, um bairro nobre, por exemplo. Estão aí aos montes, como um anúncio explícito da segregação e violência social que marcam as metrópoles.

José Roosevelt do Nascimento, de 32 anos, natural de Camocim, litoral oeste cearense, saiu de casa aos 16 e, desde então, alterna momentos vivendo nas ruas com períodos de aluguel. A última vez que voltou às ruas foi há dois anos, quando se separou da esposa, com quem não teve filhos. "Tive depressão, aí comecei a beber muito, a fumar pedra... depois que eu uso, me dá uma depressão e eu começo a ter medo de estar na rua, fico olhando pros lados, sem conseguir dormir direito", diz o artesão, com olhar de tristeza e uma certa tensão nos maxilares, como que relembrando as vezes em que não prega os olhos à noite.

Nesses muitos anos em situação de rua, José diz que já viu diversos amigos falecerem: "o Bacurim, o Pinguim, o Alex, *tudo* morreram na rua, de morte matada". O artesão dorme costumeiramente nos bancos da praça do Otávio Bonfim, bairro da zona oeste de Fortaleza, mas pensa em voltar para a casa da família, em Camocim. No entanto, diz que por enquanto ainda vai ficar mais um tempo na capital. Os pais pensam que ele está num abrigo. Consegue comida no Centro POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua) do Benfica e também com umas "fontes". Mas José não esconde a dureza que é não saber onde vai dormir hoje: "É uma vida que eu não desejo pra ninguém viu, *mah*", diz ele, olhos convictos, muita verdade na expressão facial.

"Ei, num bate foto minha não viu. Sou nem artista!", diz com um sorriso no rosto Verônica Maria de Oliveira, 45 anos, quatro em situação de rua. Já tendo sido casada duas vezes e mãe de dois meninos e duas meninas, começou "a desandar" quando viciou-se no crack. Os filhos moram no Panamericano, na zona oeste da capital cearense. "*Tô* afastada deles, tenho é vergonha de ver eles (estando) nessa situação", diz, ruborizando a face. Saiu de casa porque não conseguia mais pagar o aluguel devido ao vício. Já se internou três vezes em clínicas de reabilitação para adictos, mas não largou o uso do crack. "Comecei a fumar pedra de novo por causa duma desilusão amorosa, um *sem vergoim* me abandonou. Tem vezes que passo de quatro dias acordada, feito zumbi", relata.

Verônica sorri, mesmo com as adversidades. (Foto: Artur Pires)

Verônica também já cumpriu pena de seis meses no presídio feminino Auri Moura Costa, em Aquiraz, região metropolitana da capital alencarina. "Caí de laranja numa enrolada aí!", conta, sem querer revelar mais detalhes do ocorrido. Assim como José, também pensa em voltar para casa. "Tem muita maldade na rua, aqui é a lei do cada um por si", desabafa. Ressalta que sofre muito preconceito: "O povo olha pra gente com outros olhos. Tenho é pena daquelas meninas que *vê* a gente e *vai* logo segurando a bolsa".

"Vou ter que bater foto mesmo é?", indaga, rindo debochadamente. "Só se quiser", digo-lhe. Ela atende e posa para mim sorrindo. Saio de lá refletindo sobre o quanto os muros nos separam e sobre o quanto de vida pulsante e autêntica se encontra nas ruas!

# Pelo direito à diversidade

Por Verônica Guedes

Em 2007, ampliando o cenário de atuação na defesa e promoção dos direitos humanos, o Cenapop (Centro Popular de Cultura e Eco-cidadania) criou o *For Rainbow – Festival de Cinema e Cultura da Diversidade sexual*, com o objetivo de estimular a reflexão sobre temas ligados à cultura e direitos civis de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais e de promover a convivência pacífica de seres humanos, sem preconceito de gênero ou orientação sexual.

Em 2011, partindo de uma ação articulada com o Conselho Nacional de Cineclubes, em um programa de circuitos audiovisuais, a partir da integração entre cineclubes brasileiros com Festivais, Filmotecas e realizadores independentes – o *For Rainbow* investiu numa ação de itinerância com abrangência nacional. A parceria também foi acolhida pela rede do Cine Mais Cultura, pontos de cultura, ONGs que trabalham com Direitos Humanos, escolas da rede pública e outros espaços culturais.

Como resultado, a 4ª Mostra Itinerante do For Rainbow – também patrocinada pela Secretaria do Audiovisual (SAV) do Ministério da Cultura (MINC) – contemplou 150 espaços de exibição em todo o país. Para cada coletivo participante desta itinerância, junto com os filmes, foi enviado um CD que, entre outros textos de leis de proteção e de cidadania LGBT, continha o programa "Brasil Sem Homofobia". Em todos estes espaços as exibições foram seguidas de debates sobre a questão LGBT.

A 5ª edição da Mostra Itinerante do For Rainbow acontecerá em 250 cineclubes, pontos de cultura e espaços culturais de todo o Brasil - com filmes exibidos durante o festival - e iniciou-se em Fortaleza, nos Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) Barra, Jangurussu e Mondubim, no mês de maio. Na ocasião, os Cucas receberam a exposição multimídia *No Escurinho do Cinema – A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro*.

Novamente, cada coletivo participante desta itinerância, em todo o Brasil, receberá junto com os filmes, um CD que, entre outros textos de leis de proteção e de cidadania LGBT, trará o programa "Brasil Sem Homofobia". Como nos anos anteriores, em todos os espaços as exibições serão seguidas de debates sobre a temática LGBT.

> O Cenapop busca construir uma cultura que garanta dignidade e direitos iguais a homens e mulheres, sem preconceito de orientação sexual, crença, raça ou identidade de gênero.

A Mostra Itinerante do *For Rainbow* é a maior de todo o Brasil e oferece a centenas de jovens a oportunidade de conferir a produção cinematográfica de diversos estados brasileiros e de trocar ideias sobre as questões contempladas nos filmes e sobre o fazer cinematográfico.

Com a Mostra Itinerante, o Cenapop busca contribuir para o programa "Brasil Sem Homofobia" de combate à violência e de promoção da cidadania LGBT, ajudando a construir uma cultura que garanta dignidade e direitos iguais a homens e mulheres, sem preconceito de orientação sexual, crença, raça ou identidade de gênero.

**Um conto de réis**

# Latência

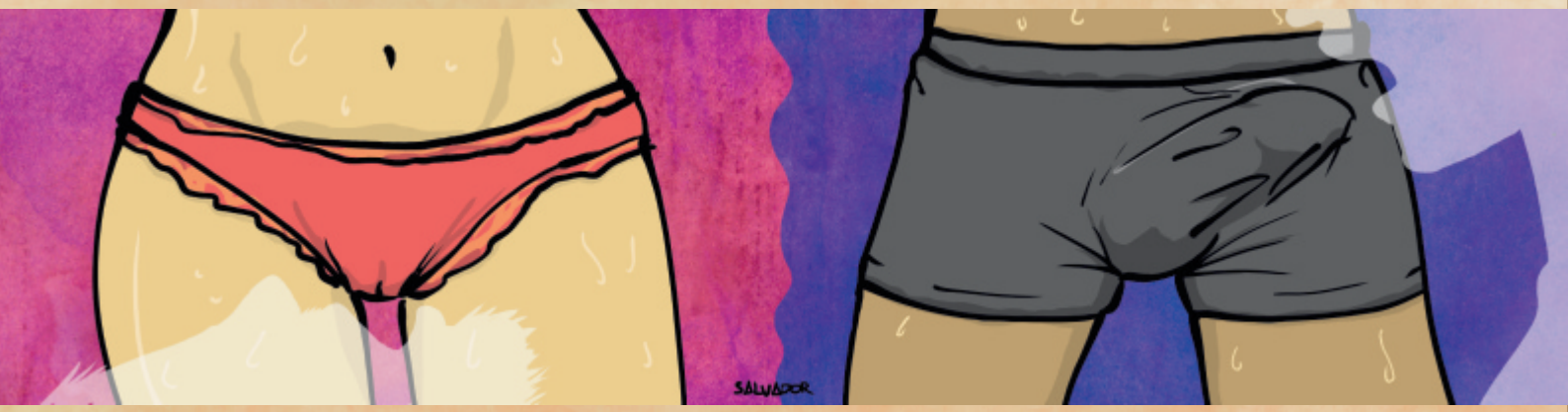
Por Joana Bê
Ilustração: Rafael Salvador

Cruzavam-se todos os dias, mas nunca repararam. Pegavam a mesma linha do metrô, no mesmo horário, mas sempre embarcavam em vagões diferentes. Trabalhavam no mesmo CEP, mas em salas distantes. Até almoçavam no mesmo restaurante, só que ela saía sempre quando ele ainda estava na fila do quilo.

Ela desenhava linhas no jornal escrito, ele escrevia traços nas paredes pintadas.

Mal sabiam eles, mas de noite na cama, na rede e no sofá, quando deitavam para relaxar e alcançar o gozo mais gostoso e tranquilo entre as horas de correria, era no outro que pensavam.

Passou algum certo tempo para os relógios se ajustarem ao ponto de atrasarem e colocarem os dois no mesmo vagão, no mesmo passo andando na rua, no mesmo horário de almoço, na mesma fila do quilo. Ainda assim, nada. Quantas distrações, quanta fumaça, quanta trufa, quantas perguntas, quantos sabores de suco no cardápio. Foi preciso praticamente alguém puxar o braço dos dois e dizer "olhem-se!". E esse alguém foi o editor da moça de vestidos coloridos. "A pauta vai ser sobre os grafites da cidade, procure alguém pra entrevistar". Depois de algumas indicações, marcou pelo telefone com o cara das mãos calejadas no restaurante já conhecido pelos dois. O editor mandou-a se apressar, precisava da matéria pra logo logo.




Ele pensava exatamente nela, meio amarela, com a boca recortada, os olhos cerrados, seus gemidos concentrados, seus vestidos coloridos (ela sempre usava um diferente toda vez que ele imaginava) caindo aos poucos pelo ombro, estacionando por segundos no seu quadril largo, depois tombando no chão como um convite de lençol.

Ela pensava exatamente nele, mais velho, barba cortante, mãos de pele grossa, uma cueca que parecia até pequena demais pro seu tamanho (ou talvez fosse só sua imaginação, que sempre o colocava de pau duro na sua frente), um pouco calvo demais pra sua idade, dono de um calor embaraçoso, como um convite de nudismo.

Parece engraçado supor que pensavam exatamente neles dois, mas a questão é que nunca perceberam os reforços cotidianos que construíam, aos poucos, a imagem um do outro em suas cabeças, em seus desejos e na pressa de ofegar. A questão é que estavam ali, dentro do outro, em um crescente desejo. E ali, ao toque da mão, tão perto que talvez se um desse três passos a mais pra esquerda se encostariam e poderiam, então, se entreolhar ao pedido de "desculpa" momentâneo.

Como nossa cabeça é incrível. Acreditam que os dois falaram "a gente se conhece de algum lugar", "Você me é familiar" e todas essas coisas que dizemos quando estamos na frente de um rosto meio-conhecido-meio-estranho, mas não conseguiam ao certo saber de onde? Ou talvez seja mais complicado admitir, mesmo que pra você mesmo, que sua mente foi capaz de projetar uma pessoa de carne e osso para foder com você. A entrevista foi feita, permeada o tempo todo pelo sentimento de *déjà vu*. Despediram-se.

De noite, no plantão do jornal, um vestido colorido subia um pouco enquanto a moça melava dois dedos devagar na sua buceta. Na rede da varanda, uma mão áspera apertava o pau por cima da cueca um pouco pequena. Ela tentou pensar como seria trepar com o entrevistado, ele tentou pensar como seria comer a jornalista. Até tentaram, mas preferiram pensar na moça do quadril largo e no cara meio calvo. Já estavam acostumados a eles. Ela gemeu baixinho, mas um pouco mais forte que o de costume. Ele suou mais do que o normal para alguém que bate uma punheta, de tão real que pareceu.

Nessa noite, ela gozou na boca dele e ele na cara dela. Ela se ajeitou e voltou a digitar a entrevista. Ele limpou a gozada com a cueca e depois a jogou no chão, em cima do cartão dela.

# Para além da Matrix (ou Ensaio sobre a Liberdade)

Por Artur Pires
Ilustração: Rafael Salvador

Inflação galopante (leia-se arroz e feijão mais caro), ajuste fiscal (leia-se arrocho salarial, desemprego em massa e ataques aos direitos trabalhistas), energia elétrica em níveis estratosféricos, *superávit* primário e altas taxas de juros (entenda-se aperfeiçoar os lucros às grandes corporações, principalmente bancos e demais organizações financeiras), pagamento da dívida pública (leia-se "um mega esquema de corrupção institucionalizado", de acordo com Maria Lúcia Fatorelli, fundadora do movimento Auditoria Cidadã da Dívida), "Minha Casa Minha Vida" (entenda-se otimizar as benesses financeiras ao capital imobiliário, remover comunidades pobres de áreas nobres e atirá-las em regiões distantes das cidades, sem infraestrutura sequer razoável de saúde, educação, mobilidade, lazer etc.), reforma política (leia-se "palhaçada!"), entre outras, são apenas uma ilusória aparência, a pontinha do *iceberg* que salta para fora d'água. O sistema político usa nomes pomposos – outros marqueteiros - para cortinar o seu totalitarismo. E consegue seu objetivo. As pessoas em geral esquecem-no, apegando-se às aparências, discutindo-as nas redes sociais, nos sindicatos, nos partidos, nos debates acadêmicos, nas mesas de bar, dando de ombros à parte submersa (o maior pedaço, aquilo que o sustenta cada vez mais forte para manter sua dominação).

A presidenta Dilma é mais um fantoche, assim como Eduardo Cunha, Aécio Neves, Renan Calheiros, Cid Gomes, Camilo Santana, Roberto Cláudio; também Obama, Angela Merkel, Sarkozy, Xi Jinping, Cameron e quase todos que têm mandato, seja este legislativo ou executivo, bem como aqueles dos altos escalões do judiciário. Todos cúmplices e peças da engrenagem de um modelo político totalitário, de inúmeros tentáculos, que consegue viajar fronteiras e penetrar gabinetes como nenhum outro jamais conseguiu. Obedecem ao sistema sem questioná-lo, cumprindo com todas as suas obrigações. Trabalhadores fieis. Mudam de cor nas eleições, dizem ser diferentes. Balela! Antes de chegarem ao poder, já coadunaram com as estruturas hegemônicas, estão comprometidos até o pescoço, por vontade e escolha, às articulações da máquina totalitária. Se locupletam com as máfias imobiliária, de armas, de drogas, dos transportes, dos alimentos, farmacêutica, bancária, financeira e fiscal, entre outras. Na *Sociedade do Espetáculo*, Estado e máfia são uma coisa só, um emaranhado de interesses sedento por poder autoritário, uma rede complexa e altamente estruturada de controle social. Para a hipnose sobre o oprimido funcionar a contento – e este não perceber a gaiola onde está preso -, contam decisivamente com a indústria do entretenimento (cinema e música) e da comunicação

em massa (principalmente televisiva) com suas doses cavalares de programação majoritariamente bestializante, além da ilusão publicitária e seu consequente estímulo ao consumo.

Vivemos a Oceânia, de Orwell, retratada no clássico *1984*, vigiados pelo "Grande Irmão"; ou o *Admirável Mundo Novo*, de Huxley. Estamos tão enredados nessa teia que muitas vezes turvamos o olhar, não conseguimos enxergar alternativas de autorregulação e autodeterminação fora da *Matrix*; é justamente nesse ponto que discutir quem é menos ruim (se Dilma ou Aécio, PT ou PSDB, para ficar no exemplo-mor brasileiro) só interessa às estruturas poderosas à qual todos estes baixam a cabeça em subserviência. Debater essas questões falseadamente dicotômicas é cada vez mais inócuo, porque não muda nada. Esse pluralismo de escolha entre partidos (esquerda x direita) é ilusório e amplia as condições objetivas para o controle total dos corpos e dos povos. O saudoso Eduardo Galeano estava certo: "A liberdade de eleições permite que você escolha o molho com o qual será devorado".

Uma coisa precisa estar clara (tiremos a venda que nos cobre a vista!): não há saída para a liberdade, para a justiça, para o amor, para a vida dentro dos marcos do sistema político, esse circo que a cada dois anos transforma dezenas de milhões de pessoas no Brasil em torcedores apaixonados e com viseiras laterais que lhe tapam parte da vista (iguais àquelas utilizadas pelos jumentos no sertão), esquecendo-se que para isso - torcer fanática e/ou sectariamente - já há o futebol, ou qualquer outra atividade de competição lúdico-desportiva.

Não há solução dentro da urna eleitoral. É só mais uma engrenagem de controle e um desnecessário apego às velhas técnicas de representação político-social. É preciso lembrar que as formas de práxis e ação históricas não são imutáveis; pelo contrário, são dinâmicas e impermanentes. A ilusão de que o voto e o atual sistema político mundial mudam alguma coisa é a mais bem engendrada mitificação da mentira em toda a História. Em verdade, não transformam a realidade social, mas tão-somente encobrem sua dominação, travestindo-se de democráticos: "precisamos aperfeiçoar nossa democracia, fazer leis que aprimorem a participação popular"; "na próxima eleição, a gente muda esse Congresso"; "vamos conseguir eleger alguém que nos represente lá dentro"; "eba! Conseguimos eleger um deputado (entre dezenas)". Muitos movimentos sociais, partidos e militantes de esquerda caem nesse discurso que, trocando em miúdos, não muda na-di-ca de nada! Quem faz as leis? Quem executa as leis? A quem serve o judiciário? "A ditadura perfeita terá aparência de democracia: uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão sequer com a fuga. Um sistema de escravidão onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à escravidão do trabalho" (Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*).

Não! Não e não! Estamos abrindo mão de nossa liberdade, de nosso próprio agir. Ao delegarmos poder a alguém por procuração eleitoral, acontece que, ao invés de exercer o poder *por* nós, esse representante exercerá o poder *sobre* nós. Ousemos. A vida acontece hoje, na nossa cara. Todo dia. As algemas do sistema político são grossas, mas podem ser rompidas. Galguemos nossa liberdade. A alforria arrancada à força está ao alcance: na gente, na rua e nos sonhos mais elevados. Pensemos em fazer a revolução primeiramente dentro de nós, nos libertando das amarras invisíveis que nos aprisionam, que nos mantêm encarcerados ao modo de vida do não-vivo, do superficial, do aparente; que nos engaiola no egoísmo mais mesquinho. Depois, que a façamos em casa, nas nossas relações cotidianas, fraternas e amistosas, sem impor nada ao outro, sem autoritarismo ou chantagem emocional. É hipocrisia das grandes dizer-se revolucionário e manter alguma relação de poder autoritário (seja com esposa(o), pai, mãe, filha(o), amiga(o), aluna(o), animal de estimação, etc.). Por fim, que a façamos nas ruas (ahh, a rua!), esse lugar tão vibrante, que é nosso, muito nosso.

> Não há saída para a liberdade, para a justiça, para o amor, para a vida dentro dos marcos do sistema político

Façamos por nós mesmos. Com nossas almas e esforços. Ações diretas, coletivas. Sem recorrer a presidente, governador, prefeito, deputado, senador, vereador. Façamos por nós mesmos! Eu, você. Nós. Eles. A humanidade é, sim!, capaz de criar novas maneiras de sociabilidade, de participação política, de convívio, interação e mobilização sociais. A revolução não é um evento estático, é um processo cheio de dinamismo, certas vezes permeado pelas pequenas contradições da prática, é verdade, mas é também grandiosa porque coletiva, soma anárquica das revoluções internas e externas de cada um. Revolucionar-se de maneira plena, endógena e exogenamente. Porque ela, essa energia vivente chamada revolução, não está só fora de nós, mas dentro também. Nem somente dentro de nós, mas à parte, no outro, naquilo que pulsa, que tem vida.

Se parássemos hoje mesmo de delegar nossa representatividade a outros, e vivêssemos dia a dia para legitimarmos a nossa existência, que é, em resumo, sonhar, aprender, fazer/agir e se doar à coletividade, estaríamos noutro patamar de humanização, libertaríamo-nos desse modelo inanimado do capital, que nos priva, em essência, da grandeza existencial da vida. A liberdade é um processo, não uma circunstância que lhe apresentam, não um direito que lhe dão. Ela não é dada por ninguém, é arrancada à força! A liberdade já começa quando sonhamos em ser livres.

**NO SITE** Artur comenta sobre como as famílias donas da mídia lubrificam a máquina política. **goo.gl/If9kbl**

**Lusco-fusco**
Por João Ernesto

# Você pode até incendiar o meu barraco

Mas no meu terreiro, cinza é alimento
A minha luta é o teu constrangimento
Em saber que enquanto você tem medo
Toque eu
O meu tambor ou não
Eu piso descalço
Eu calço esse chão
Subo o morro
E nego a contradição escura
Do conto português
Que o colonizador tem poder
Sobre o colonizado
Que faz você ter orgulho do bisavô holandês
E a memória do índio que o conto fez
Virar fumaça
é a culpa da sua desgraça.

Olhe, veja bem...
Se nessa contradição toda você enxerga desgraça
É porque pra muita gente a fome não passa
E procurar comida é a única saída
Pra essa farsa que diz
"tá tudo bem, já passa"
De meia noite
E tem gente dormindo na praça
Morrendo de medo dum açoite
Que tem muito playboy que não perdoa
Acende à toa um fósforo
No corpo do índio
Que na cabeça do agressor
Era só um mendigo.
Imagina o que é conviver com esse medo todo?
E ainda quando acorda (se acorda)
Tem que ouvir grito de dono de loja
Olhar pra cara do povo que anda apressado
E ver a gente olhar pro outro lado
Com a mão na bolsa com medo de ser assaltado.
Olhe que num é por nada não, mas essa contradição
De shopping dividindo espaço com favela
Num é de hoje não
isso é antigo, a folha tá amarela
de tanto a gente ouvir o discurso do oprimido
pedindo outra condição,
mas essa porra nunca muda
e, enquanto isso, tu vai procurar ganhar mais
explorar mais
e reclamar mais
que a violência tá foda.

Foda é outra coisa que esse povo não tem.
Tá pensando que mendigo tem direito à privacidade?
Esse direito foi tirado
E pela normatividade
Amar é crime
'Prevaricagem, cidadão!'
Mas continuo dizendo que tá foda a situação
E a luta é o re
tiro
certeiro
pra ajeitar esse contexto.
Até porque de tanto falar, o povo ficou sem voz
esse couro grosso
essa pele ardida
cansou a alma oprimida.
De tanto ouvir e nada fazer,
o povo ficou meio surdo.
Essa cegueira toda
que faz a gente dizer que a culpa é do pobre
Nunca da pobreza,
É o mote violento
Do estado e do cidadão.

'ah, quantos são? Deixa eu ver...
É mais de um milhão?
Tá, vou passar a ligação
E o presidente deixou de pronto que entrega a patente
E que resolve deixar o povo
Tocar a revolução.'

# Para não esquecer

Não procurar ser o mesmo nessa quase mesmice
Não sair com a mesma cara amarela nas fotos
Nem sorrir só com os dentes
Nem com a mesma pessoa
pra fingir simpatia
pra ser o mesmo...
O mesmo, camarada...
não é o que a gente tem.

O que a gente tem, esse bicho estranho que nunca se cria
Se anuncia quando a gente se cansa em andar de joelhos
Que depois de escutar tantos conselhos
Deixa machucar, sair sangue, centelha
até ficar vermelho!
Se tem dúvida
no quengo, um solavanco
um impulso pro fundo
desliguem o aparelho!
O enfermeiro sumiu...
Na verdade ele nunca existiu.
Era só um sentimento vago,
de branco dorso, pele reluzente
E poucos amigos.

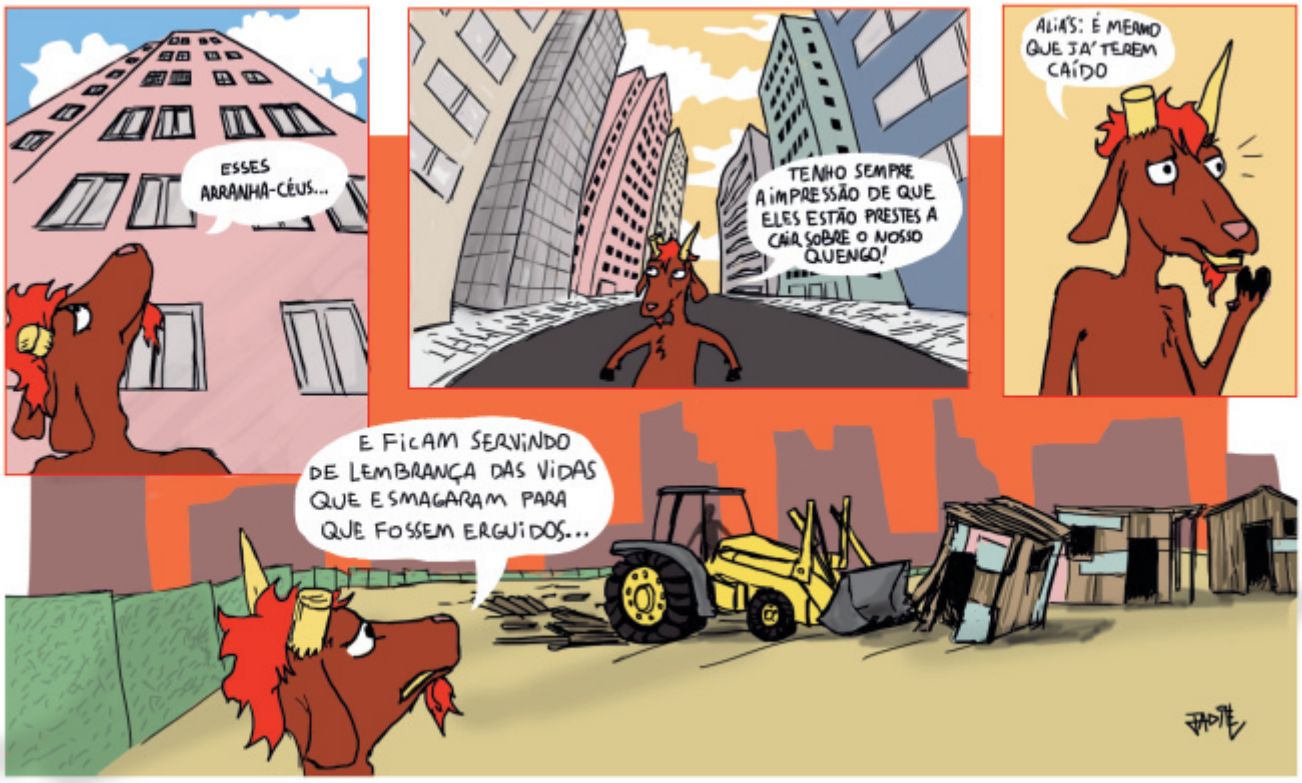
É falta de cabimento
não ficar cabendo
tentando e sendo
um ator sem diretriz?

**NO SITE** João manda alguns versos sobre a loucura metropolitana de Fortaleza. **goo.gl/gK5VES**

Berro HQ!

# Bode Berro e a selva de pedra

Roteiro e Arte: Jadiel Lima





TODO APOIO À AFBNB
EM 2015 A LUTA CONTINUA!

POR UM NORDESTE MELHOR
E PELA VALORIZAÇÃO DOS
TRABALHADORES

Gestão
Autonomia e Luta
2014/2016

A AFBNB ao lado dos trabalhadores!

Luta
Autonomia
Confiança Coerência
Desenvolvimento
Isonomia Participação
AFBNB
Dignidade
Companheirismo
Igualdade Justiça
Compromisso
Transparência
Respeito Ética
Vitória
Ação
Fé

Isonomia de tratamento
Fim do assédio moral
Fim do trabalho gratuito
Reposição das perdas salariais
Dignidade previdenciária e de saúde
Recuperação do Plano BD (Capef)
Revisão do Plano de Cargos e Remuneração
PLR linear
Convocação dos concursados
Fim das terceirizações/Não ao PL 4330
Reintegração dos demitidos
Contra as medidas abusivas da Camed
Aumento do Capital Social do BNB
Novas fontes de recursos para o BNB
Reafirmação do BNB como
instituição de desenvolvimento
Fim do fator previdenciário
Não às privatizações

29 anos
AFBNB

Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste do Brasil

Rua Nossa Senhora dos Remédios, 85 - Benfica - Fortaleza - CE - CEP 60020-120
Fone 85 3255.7000 - afbnb@afbnb.com.br - www.afbnb.com.br

**Lambe-lambe**

# Benfica

Igor Prado
**flickr: /pradoigor**
**isoprado@gmail.com**

O livro de rua de Fortaleza encontra no Benfica algumas de suas páginas mais expressivas. É só andar por aí para que os motivos do coração da cidade encontrem você. A informação das universidades, a juventude de seus estudantes, a simpatia de seus bêbados, os gritos dos seus grafites e xarpis, a disposição de seus ambulantes. Tudo remete à figura humana no bairro onde é natural perder ou encontrar assunto.